

Opereola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas*—

Semestre 250 reis
Com estampilha 300 reis
Avulso 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor

Antonio Augusto Veiga

Composição e impressão, Typ. «Ovarense»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Bello

REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes

ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

Os originaes publicados ou não, não se restituem.

O PROGRESSO VAREIRO

III

Enganou-se quem supoz, que iam hoje lançar no altar do sacrificio, para ser immolada e assim expiar os peccados, que ha tanto anno pesam sinistramente sobre esta infeliz villa, a camara municipal, esse Mathusalem, que já vivia no tempo de nossos avós e ainda hoje tem a seu cargo a administração do nosso patrimonio.

Não vamos.

Não porque ella esteja illibada e pura de toda a prevaricação.

Não porque ella se tenha desvelado em conservar e augmentar os bens, que lhe veem sendo confiados.

Não porque ella tenha cubicado fazer d'isto alguma coisa.

Não porque lhe tenha merecido uma hora, se quer, de estudo o nosso engrandecimento material.

Não porque ella haja posto sempre o mais miticuloso escrupulo na administração do nosso thezouro municipal.

Da iniciativa camararia não possuímos ainda o strictamente necessario, para que se apresente com decôro uma população como a nossa.

Temos vivido quasi como um povo acephalo, destituido ainda, por desgraça, do estimulo innato, do instincto da perfeição, que á falta d'uma boa cabeça dirigente, poderia ter feito com que isto evo-

lucionasse; e por isso tambem em prol do bem commum a iniciativa particular em pouco mais de nada se tinha affirmado até ha coisa de cinco annos.

Felizmente (seja dito entre parenthesis) que n'estes ultimos tempos já alguma coisa a esta iniciativa se deve, e de tal monta que mui pouco hade viver quem a não veja desentranhar-se em abundantes fructos de prosperidade para a nossa querida terra.

A incuria dos nossos dirigentes é, pois, já proverbial; mas não os vamos expôr no pelourinho, porque nós não merecemos que elles brilhem por outro predicado mais em harmonia com o seu cargo e com os nossos interesses.

Pois que? admirar-se-ha por ventura alguem de que seja plena de senso e verdade esta nossa affirmativa?

Nós somos, todos, uns melindrosos exigentes.

Queremos progredir, lem-

bramos com magua o nosso atraso, quando nos confrontamos com outras populações mais felizes e berramos às vezes contra a marcha de caranguejo em que isto vai indo, mas não queremos sacrificar-lhe nem mesmo os nossos futeis caprichos!

Embirrarnos, sobre tudo, com a ingerencia senatorial nos nossos actos, nas nossas emprezas, na nossa vida.

Muitas vezes pretendemos mesmo impôr-nos á camara para conseguirmos os nossos fins, quando a leie o bom senso, que nem sempre está com a lei, o prohibem e condemnam.

Nunca lhe deixamos livre a acção, movendo influencias para que ella não contrarie os nossos gostos e faça em proveito nosso, direito do que é mais torto que um arôxo.

Claro, natural, a camara então que é constituída d'homens presos ao seu meio pelos laços do sangue ou da amizade, ou conjuntamente por estas duas ordens de laços, fraqueja, cede, transige.

O bem commum é então posposto ao bem particular.

Por culpa de quem? D'estes patriotas commodistas, que tanto seapoquentam com o atrazo, em que tudo isto está.

A camara, pois, se procede mal, quando age ou se porta indifferente, quando devia tomar as coisas a peito, está no seu papel, n'aquelle papel innocente para o bem individual d'este ou d'aquelle e nocivo em extremo para o interesse commum, papel que nós lhe outorgamos e por cujo cabal desempenho, ai de nós! velamos de dia e de noite!

E assim, se a camara tem feito má administração e vamente famentado o nosso bem commum, é porque nós não queremos que ella faça melhor.

Evidentemente! como ha

NUNCA MAIS

A. A. P.

Voltam as andorinhas a border,
No céu azul, figuras caprichosas
Só tu não voltas mais a suavisar
Da minha vida as horas dolorosas!

Dos—Versos d'Amor—

Eu vi partir cantando as negras andorinhas,
A's cem, ás mil, em bando . . .
E assim fiquei pensando
Que como ellas voltasse o amor que tu me tinhas.

Vi-as chegar saudando o sol da Primavera.
Eram mil, talvez mais.
—Tão cedo regressaes!?

Não vem comvosco Aquella que minh'alma espera?—
E as negras andorinhas, cheias d'alegria,
Entraram nos beiraeas.
E uma voz muito triste, ao longe, repetia:
Nunca mais, nunca mais!

Eu vi partir tambem as minhas illusões,
Feitas d'Amor e Luz, como brancas visões,
E perguntei, como o fizera ás andorinhas,
Mensageiras de Christo:
Quando è que vós voltaes?
E ellas disseram-me isto:
Nunca mais, nunca mais,
Pois que morreu tambem o Amor que tu lhe tinhas.
E lá se foram como as negras andorinhas.

Coimbra.

Fernandes d'Almeida

de ella attender ao bem commum se o interesse e o capricho individual, se lhe oppõem, movendo empenhos e não raro malsinações de toda a casta?

Os inimigos, pois, do nosso progresso material somos nós mesmos; é nossa também a responsabilidade dos males que padecemos e não só d'essa corporação, que não se impõe ás nossas stultas pretensões particulares, mas favorecendo-as escandalosamente, estamos affeitos a alvejar com os nossos tiros como bode expiatorio dos nossos proprios delictos.

Se fossemos mais patriotas e menos egoistas, menos commodistas e mais abnegados, o nosso progresso material seria um facto.

Mas, porque somos precisamente o inverso, estacionamos ou retrogradamos, em quanto que em redor de nós tudo marcha.

Marcello.

A uma Senhora

(improvisad)

Senhora! Como sois bella
Quando de dia á janella
Vos vejo alegre assomar!
Sinto triste, delirante,
O coração palpitante
Suspirar...

Ao ver-vos tão delicada,
De meigo rosto de fada,
Mais linda que um cherubim,
Eu sinto tal alegria
Por encanto ou por magia
Dentro em mim,

Que digo, minha senhora:
Como sois tão tentadora!...

Porto.

Pinto Ferreira.

CARTAS

II

Aos politicos vareiros

Senhores:

Se sois catholicos, verdadeiros e fieis, muito longas deveriam ter sido as vossas confissões, dizendo á orelha indulgente d'um padre amigo, na esperança d'um facil

perdão p'ras consciencias attribuladas, essa fleira colossal e interminavel de desleixos, d'errros e de grossas faltas de tacto politico, sem um vivo relampago de talento, embora raro, sem um arranque extranho e audaz, ainda logicamente discutivel, p'ra fugir á bolorenta rotina consagrada por nossos avós! Atirados p'ra politica pelo boqueirão d'uma formatura, que é, para muitissimos, a miseria travestida d'opulencia, sem um grande ideal definido, sem uma grande vontade e uma enorme e inabalavel firmeza de principios a nortear-vos, a incitar-vos, ou servir, Senhores, um egoismo caseiro, a clientela que nutre odios tradicionaes de familia, ou a vaidade de aventureiros audaciosos, bojudos e encasacados. Nem fé, nem independencia, nem originalidade!—Assim ou sereis sobas de freguezia, tyrannétes um tanto comicos n'esta farga enorme que tem sido e é a politica da nossa terra, emquanto a vossa importancia for assegurada pela arrogancia poderosa do landreiro que se vende por uma moeda ou uns Francos das vossas seitas, esquecidos no primeiro revéz, a ruminar, na dôr cruceante das vaidades amarfanhadas, a vergonha das theatraes derrotas. E passaes a vida assim, clamando na opposição, pondo nas discussões deprimentes das gazêtas o impudor que embaça a dignidade dos vossos nomes, dormindo á têza nas cadeiras do poder, sem acordar c'uma ideia, c'uma iniciativa, c'uma obra util, um plano bem orientado, largo e honesto d'administração das coisas publicas. E' para isto que sois politicos, chefes, capitães, marechaes?! Isto é que é ser... politico? Não. Se assim fôra, se isso bastasse, selo-ia o grande Kagaçal!... e na Africa qualquer roceiro, zurzindo a pretalhada a cavallo marinho, poderia sonhar c'uma cadeira em S. Bento ou n'um ministerio. Ser politico é ter um só ideal e gastar atraz d'elle os annos da vida, sempre com a mesma fé e com o mesmo amor; é fazer d'elle um evangelho, cumprindo-o, cego a videirismos amigos, surdo á falsa adulação e ao insulto baixo. E' ter ideias e audacia p'ras executar e nos conflictos que surgirem, por entre os problemas, que se discutem á luz de criterios diferentes e oppostos, por os principios sempre bem mais altos que os homens. E' desprender-se de baixos preconceitos e interesses e pôr-se inteiramente, abertamente ao serviço d'esse ideal que é o seu sonho, sem um desfallecimento e sem um recuo. E' ainda vêr claro e a direito por entre o labyrintho das intrigas e os embates das paixões e, entre nós, é zelar com amor os interesses d'este pobre burgo tão só de boas vontades e de intelligencias uteis, fazendo-o progredir, engrandecer-se e alindar-se pela esthetica, pela hygiene, pelo aproveitamento de mil nadas que dariam uma rasoavel receita, pela

construção d'um bello mercado, d'escolas profissionaes e d'uma bibliotheca.

E o que existe? Nada. Porque vos bateis na urna a cacête, a insultos e a tiro? Porque differemas qualidades das farinhas das vossas pásas e os rotulos dos vinhos em que mandaes afogar o afamado carneiro. Legaes-nos alguma obra que atteste brilhantemente vosso nome? Ninharias, inutilidades. Sois uteis á vossa terra? Não.

Bastantes annos corridos, se alguém se propuser escrever a historia d'hoje, d'estes tempos da vossa ephemera soberania; não o poderá facilmente tentar, levar a cabo, porque não deixaes o rasto luminoso d'uma grande obra, publica e religiosa saudade d'um coração grande que se perdeu.

Eis, Senhores, o que dirieis á orelha indulgente do velho padre, na quinta-feira passada, se, bons catholicos, confessasseis sem reboço os vossos pecados politicos: Padre, não temos feito nada.

8—4—09.

João Madria.

Deviam ficar assim!

A duas gentis creanças

Chinda, a mais velha é uma fada!
Sendo ainda pequenita
o seu olhar quando fita
deixa-nos mesmo encantada!
Tem uma voz tão bonita...
Chinda a mais velha, uma fada!

A outra então é um encanto,
sempre viva e sempre rindo
captiva só em se ouvindo
a meiga voz do seu canto.
E tem um rosto tão lindo
a outra a Arlette, qu'encanto!...

Deviam ficar assim,
pequenas, tão mimosas,
como em botão duas rosas,
com a innocencia do jasmim!...
Seriam tão graciosas
se ficassem sempre assim!!

Ovar, 8—4—909

De Parma.

O enterro de Joanninha

Anoitecera triste. A lua de quando em quando, rompe a custo o denso véu das nuvens passageiras, espalhando um luar de crystal que resplandece pela escuridão da noite.

O povo d'aldeia passa n'um profundo recolhimento para a pequena ermida que se ergue além, no meio de cyprestes desolados, e que uma lampada bruxoleante, na frontaria da branca capella indica, alumando uma imagem tósca da Virgem escondida n'um velho nicho.

Em tudo se nota um tom lugubre e de desconsolo a que a natureza parece associar-se.

Agora por entre o piar de aves agoirentas e latidos de cães que causam arrepios, ouve-se um rouco e desafinado psalmejar de padres talvez, que se vêm approximando.

Grande multidão de luzes tremulando agitadas por uma aragem forte e que parece apagam-se ás vezes, vem deslizando vagarosamente pela estrada que passa além, em direcção á capella.

O sino acaba de badalar as Avé-Marias e com dobres plangentes chama agora o povo religioso a acompanhar o enterro da linda Joanninha que era muito amiga dos pobres e das raparigas d'aldeia.

Não era raro vel-a, aos domingos, á hora da missa, fallar carinhosamente ás gentis moçoilas que esperam junto do cruzeiro erigido no adro da ermida, os namorados com quem conversarão depois de terminada a missa e dada a benção pelo velho abade que também dirige *chalaças* ás lindas raparigas.

O cortejo funebre entrara já no pequenino templo.

O ataúde ficara depositado sobre uma rica eça ornada de mimosas flores, pelas raparigas que envoltas em trages negros soluçam como carpideiras sinceras junto do cadaver de Joanninha.

A morte cobriu-lhe o rosto de pallidez opheliana. Os labios semicerrados, deixando vêr os alvos dentes, graciosas gotas d'orvalho crystallizadas pelos raios do sol, parecem ter ficado inertes n'um derradeiro adeus.

O sine soltou os ultimos gemidos de saudade pelo passamento de Joanninha já sepultada.

E aos domingos, á hora da missa, as gentis moçoilas vão ao cemiterio em religiosa romaria de saudade, depôr sobre a humida campa d'ella, goivos tristes.

A...

Notas antigas

BACHO

Ifide, a formosa ninfa do oceano, tão dezejada por todos os faunos e satiros que se albergam

A Perola

em redor de Venus, entra timidamente na crystalina agna d'um ribeiro,—teme ser vista, e por isso escolheu um logar solitario, labyrintico bosque—longe d'olhares indiscretos deixa cahir a sua veste alvinitente, descobrindo assim as carnes que brilham ao beijo de Febo, rei e senhor do limpido zenith.

A fina epiderme de Ifide estremece ao contacto da agua.

A suave cabelleira flutua nas suas nitidas espaduas como uma nuvem de ouro cobrindo-lhe amorosamente o escultural talhe de linhas perfectas, dignas de figurar como adorno no templo erecto á gentil Diana em Efeso.

O brando vento sul torna a tranquilla superficie do arroio cor d'arco iris. Ifide á suave caricia da agua recorda amores e sorri... mas um ruido que se faz ouvir por momentos vem destruir-lhe o sonho.

Olhando em volta de si, avista Bacho n'uma clareira do bosque. Nos olhos de Bacho advinha Ifide grandes dezejos, e leve como uma borboleta ganha a terra e cobre as suas bellezas.

Bacho, o eterno borracho, acerca-se coroado de folhas de vide, e na mão o thyrsos rematado com uma pinha, attributo da sua divindade.

Abre os braços e Ifide vendo-se perdida cae desmaiada.

Ao voltar a si, horrorizada pretende fugir, Bacho enche-lhe a bocca com sumo de vinho, e Ifide é vencida finalmente; embriagada de carinho entrega-se... encontrando o rei do vinho mais formoso ainda que o bello Ganimedes.

Porto.

Noemia.

CHRONICA

THEATRO

Lá fomos ao theatro gastar umas horas da noite... tudo nos mesmos logares das mais vezes, velhos conhecimentos dos nossos cabellos grisalhos e das nossas botifarras arreganhadas!... Que falta de conforto! Que tristeza e que sensaboria!... Correntes d'ar cruzam a sala em todas as direcções, cortantes como linguas pre- versas, a espancar a quaresma que pesava formidavel nas costas de toda aquella gente sisuda, grave como um gordalhudo sacristão de sã. Magros pilares caiados de branco sustentam nos camarotes as senhoras que apparentam cansaço e indiferença, presas alli por um dever de sociedade, sisudas, quasi immoveis, como se as consciencias lhes gritassem dazias de sermões de lagrimas e os olhos vissem cêstos de penitencia. Depois,

a musica lembra-me o passado, quarenta annos volvidos em desillusões e maguas, e o lenço tabaqueiro cingindo a calva do inolvidavel Valério, então dominador da musica e conquistador de mulheres, regendo as partituras que ouvimos agora, hoje que d'elle só nos resta a memoria. Parece que parámos, vivendo sempre a vida dos tempos aureos das arruaças—no consorte ao theatro, bem entendido—como o progresso não se estiraçasse por ahi fóra, que é mesmo um louvar ao Senhor. Na plateia, então, o silencio é mais pesado, dando a impressão de que cada espectador desconfia do visinho, não venha elle dizer que estava coçada a sua gravata de sêda e os seus lenços de bolso cheiram muito a essencia de limão. Falla-se baixo e ri-se pouco, um riso estipulado pela rotina, sem alma, sem nervos, sem entusiasmo, como se todos fossem velhos, carunchados pelo rheumatico, pela siatica e pela dura e crua experiencia dos invernos. N'uma terra como esta, pequena, em que todos se conhecem e quasi são parentes, espanta esta falta de convivencia, este isolamento em que todos vivem, não se visitando, não tendo um club, os rapazes mal cortejando as senhoras, como se ainda aqui houvesse malhados e miguelistas, como se aqui lavrasse infrene uma doença contagiosa e grave. Mas, arregaçados os paços do concelho sapateiramante borrados a óca e entrado o ultimo leão retardario com o coração ainda embregado pelo entusiasmo da derradeira victoria, principia o espectáculo que vae demorar demasiadamente, a uma luz de camara funeraria.

O drama é uma trapalhada longa, com arrebuques de philosophia, carradas de cynismo e tinturas de creença, movida por cordellinhos com entradas e saídas d'um bom Mendonça e uma morte pouco tragica e muito incrível. São dois actos longos como noites de sobresaltos, com monologos massudos como impertinentes serões, em que o somno nos assalta e a cerimonia nos espregia para não abrimos a bocca.

As comedias são ligeiras, apalhadas, explorando o resabido equivoco d'um nome, desdobra-se em situações galhofeiras e ridiculas. A segunda linha numeros de musica espalhados pelo meio, cantados como Deus foi servido e os illustres amadores ajudados pelas suas respectivas gargantas. Todo o desempenho nos agradou, principalmente uma scena do 2.º acto do drama e um papel que Abel Pinho, que nunca víramos representar desempenhou na primeira comedia. Muito bem, muito bem. E deve encaregar-se de papéis de maior monta. E se cá fóra houvesse mais luz e animação e nos demorassem menos, tambem isto seria mais curto e um elogio pegado.

Ovar, abril de 909.

Braz Patusco.

Postaes masculinos

(Aos amigos, Alfredo e Fuinha, pela amabilidade da sua offerta)

Só pelo Amor e pela Virtude

se chega á Perfeição, o prometido Paraiso, onde as almas boas se irmanam n'uma doce commu- nhão de Luz e Amor.

* * *

A mulher, companheira solici- ta e carinhosa de toda a nossa existencia, quer como mãe, como irmã, esposa ou amante, é, talvez, a unica força que nos impelle para o trabalho, o fóco luminoso do qual irradia o bem-estar, nimbado pela Virtude, pela Honra e pelo Amor, os tres grandes sentimen- tos que affirmam ao mundo o sa- grado cumprimento dos nossos deveres perante nós, perante os nossos e perante a humanidade.

Coimbra, Março de 909.

Fernandes da Almeida

—*—

Ai, minha linda querida
Margarida,
Por quem suspiro d'amor!
Desde o dia que partiste
Vivo triste
Lamentando a minha dôr.

Vou soffrendo amargurado,
Resignado,
As maguas do coração,
Sem que tu n'essa paragem,
Linda imagem,
Tenhas de mim compaixão.

Porto

Pinto Ferreira.

—*—

A alma, é o sacrario pu- ro dos nossos sentimentos e virtudes. E' a ambula fragil onde se recolhem e exteriorisam todos os nossos actos. E' o cadinho onde se distilam e unificam todos os nos- sos affectos.

E' o sanctuario onde se entrecrocam as multiplas paixões humanas.

E' o espelho da consciencia onde se reflectem e trans- parecem todas as boas e más acções.

Odeveza.

—*—

Postaes femininos

A terna violeta procura o mais triste recanto, para desdobrar as suas petalas: o meu coração busca o mais silencioso lo- gar para expandir as maguas do desenga- no, que o torturam!...

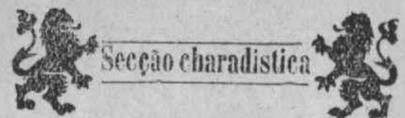
Ovar

Avia.

—*—

A magua que nos tortura nem sempre envolve travor, que toda a magua é doçura se nasce d'um fundo amor.

Marietta



Secção charadística

CONCURSO CHARADISTICO

Hurrah!...

Pelo sr. Arnaldo C. Duarte Silva, vencedor no nosso 1.º concurso de charadas!

—*—

Confessamos que fomos decepcionados ao ver quão pouco entusiasmo a principio desportou a edeia do concurso para logo aberto, desde que a apresentamos no 1.º n.º da Perola. Evidentemente a paixão pela charada era entre nós uma treta e nós cahimos na esparrela de lhe darmos algum credito!...

Estavamos já mesmo arrependidos do nosso atrevimento, quando lobrigamos tres combatentes e meio de valor indiscutivel em atirar á cabeça da sphinge!

Recobramos alento. O fiasco seria assim impossivel. A falta de numerosos concorrentes explicava-se pelo raceio que muitos teriam de se medirem com os denodados fundibularios Arnaldo, Republica e Joteba, embora os animasse um pouco a refrega aquella metade de combatente, que se chama Eurico de Souza, rapaz muito bom, alguma coisa perito na arte, mas muitissimo mais preguiçoso. Alem d'isso a caça não era da mais facil de alvejar e—consolavamos-nos nós—todos sabem o quanto é desairoso para quem pretende empunhar com todo o garbo um fusil, tiralhar em vão! E assim se explica, para aquelles que affirmam que ha entre nós gosto pela charada, a abstenção de concorrentes. Esperamos, porém, que para o futuro todos os receios serão depostos e nos nossos concursos figurarão pelo menos os nomes dos nossos colaboradores charadisticos. E' de justiça, mesmo, que quem sabe pôr as difficuldades, forceje tambem pelas resolver.

Arnaldo Duarte Silva 68
Republica 66
Joteba 64
Eurico de Souza 49

Decifrações:

1. Agnome; 2. Rosa, Ovar, sala, arão; 3. Mordextim; 4. Quadratin; 5. alecterolophia; 6. Gilboa; 7. Beguinaria; 8. Libella; 9. Zithogala; 10. Cantochão; 11. malvaisco; 12. sete-cazacas; 13. singularidade; 14. marrafa-marrafão; 15. Caracalcaraca; 16. Sósó; 17. Durião; 18.º

Então permittem as quadras

Na secção charadista?

Não se zanguem meus senhores

Esta é simples: salta a vista

19. Jacintho; 20. M aquinação; 21. mo- quença-moquenco; 22. hidro-idrol; 23. aco- roça; 24. Lerida-Merida; 25. Viva a Pe- rola; 26. O jornal mais querido e tambem mais lido com avidez é a Perola.

Decifradorez:

Arnaldo D. Silva os n.ºs: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25 e 26. (total 22)—Rep- ublica os n.ºs: 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 17, 19, 23, 24, 25 e 26. (total 17) Jote- ba os n.ºs: 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 17, 19, 23, 24 e 25 (total) 15.

A Perola

Em quadro		Retribuição ao A. Gomes		12 Parte d'esta doença foi extinta na cidade por se ter declarado n'um becco-2-2		Telephonica	
(Ao charadista Fuinha)		7 Não é alem que o homem tem o animal 1 2		—*—		Trim... trim... trim...	
3	... Terra portugueza ... Terra portugueza ... Terra portugueza ... Terra portugueza	F. Cerveira.		Republica.		—Quem falla?	
—*—		—*—		Duplas		—Está melhor do membro? 1	
Ao vencedor do concurso charadistico da «Perola» A. C. D. Silva		Ao grande matuta Arnaldo Candido D. Silva		13 Assassinaram um homem n'uma das margens d'este rio africano 2		—Não.	
4	... —mulher ... —terra portugueza ... —cúra ... —lavarar	8 E' cu'pada e tem má educação a mulher que só anda em divertimento-1 3		—*—		—Então mande a ave-2	
—*—		Fuinha.		—*—		—Para que?	
Em phrase		9 Depois da collisão fiquei victorioso 2 1		Jó Fera		—Para me trazer o jornal.	
5	Com a pedra qual será a pessoa que possa com a grade para seccar carne? 1-1	—*—		—*—		Fanny.	
—*—		Rei Liz.		14 A folha d'esta planta tem a forma d'uma constellação. 4		—*—	
Arnóbio		10 No paiz do mysterio está tudo maluco 2 1		Augmentativa		Logographo telegramma	
Retribuição a Fuinha		—*—		—*—		(Ao grande charadista Joteba)	
6	O peixe quando servido no jantar de defuntos, transforma-se n'uma pedra preciosa 2 2	11 Na concha metta o premio e vá pagar a pensão 2 3		Metamorphose		17	
—*—		Joteba		—*—		11-2-3 6-9-8	
—*—		—*—		—*—		Lindo nome tinha 1 2 7 6 9 4	
Neblina		—*—		Arnobio.		o genro de Salomão! 5 2 3 6 9 10	
—*—		—*—		—*—		41 2 7 6 9 8	
—*—		—*—		—*—		—*—	
—*—		—*—		—*—		Rei Liz.	
—*—		—*—		—*—		—*—	
—*—		—*—		—*—		Typographico	
—*—		—*—		—*—		18 Homem vogal concêda ligo notas u u bebida amphibio falla instrumentos p't concede fruto-a *o nota	
—*—		—*—		—*—		Bem Said.	

Nova loja de fazendas

DE MANOEL ALVES CORREIA OVAR
Rua da Graça

N'este novo estabelecimento encontrará o publico um variado sortido de fazendas, taes como:

Pannos crús, riscados, pannos patentes, moirins, o que ha de melhor, ultima novidade em flannels d'algodão, sephires setinetas, o que ha de mais chics: Cobertores d'algodão, guardasoes para homem e senhora, de fina sêda e alpaca, bengalas (novidade). Um saldo de phantazias ou castelletas e bem assim um grande sortido par a estação de verão em cazemiras e cheviotes para factos d'homem, colletes de phantazia, etc., etc.

Tudo por preços baartissimos!

MACHINAS DE COSTURA

As machinas de costura «Original» de *Frister Rossmann*, rivalisam com todas as outras. Ha tambem machinas *SINGER* e accessorios para as mesmas, a preços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar—*Americo Peixoto*

Concertos gratis a todas as machinas compradas n'esta casa

Machinas de costura

As machinas de costura de original *Ideal*, são as melhores; tanto para coser, como para bordar.

Estas machinas são as mais distinctas que se fabricam na America.

Unico depositario em Ovar.

Ludgero Peixoto



Officina de calçado

de
Manoel Rosas
Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Carpintaria e Mareonaria

de
José Rodrigues Faneco

Rua dos Ferradores—Ovar

A PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno 1

Quinta feira 15 de Abril de 1909

N.º (29)-6

Snr. _____